



Paróquia
NOSSA
SENHORA
DE **GUADALUPE**

CATEQUESES | Temas da Atualidade

O homem se considera Deus e considera a eutanásia como uma forma de misericórdia



O homem se considera Deus e considera a eutanásia como uma forma de misericórdia

Por: Ricardo Ramirez

Fonte: Academia de Líderes Católicos

Tradução: Marcia Terra - Paróquia Nossa Senhora de Guadalupe

Nestes tempos de pandemia, a morte foi-nos apresentada de forma abrupta, infelizmente para milhões de pessoas que morreram em todo o planeta. Deixando suas famílias em profunda dor e ausência insubstituível.

Enquanto isso, no Chile, a lei que permitiria a eutanásia nas terras de Alberto Hurtado e Teresa de Los Andes foi aprovada na Câmara dos Deputados (após anos de atraso no congresso nacional).

Este é mais um exemplo da deterioração moral da sociedade em que vivemos. Como o então Cardeal Ratzinger disse várias vezes, vivemos em uma onda de relativismo, em que correntes de ideologias vêm e vão, que fazem, como neste caso, que aquelas ações que foram consideradas crimes no sentido moral comum, estejam gradualmente sendo consideradas respeitáveis dentro da sociedade (Cfr. Homilia, Eligendo pontifice, 2005). O Papa Francisco também repetiu incansavelmente que vivemos hoje em uma cultura descartável, onde muitos em nossa sociedade são deixados de lado porque não têm as possibilidades de produzir ou contribuir para o sistema econômico ativo que prevalece em nossas sociedades.

Hoje vivemos numa época em que a vida é apreciada apenas na medida em que nos dá prazer, bem-estar e evita o sofrimento e a dor. Estes últimos são vistos como insuportáveis e devem ser eliminados a todo custo. A morte tem sido considerada "absurda" quando interrompe por surpresa uma vida cheia de futuro na juventude. Mas, pelo contrário, torna-se uma "libertação justificada" quando se trata de alguém que está imerso em dor e sofrimento (cf. Evangelium Vitae, 64). Em tais casos, a morte não parece ser uma surpresa infeliz, mas um alívio da dor e da doença. A eutanásia é assumida como necessária, o que nada mais é do que "tomar posse da morte, obtê-la de antemão e assim pôr um fim "gentil" à própria vida ou à dos outros" (Evangelium Vitae, 64). O homem esquece seu status de criatura e "acredita ser o critério e a norma para si mesmo, e acha que tem o direito de pedir à

sociedade que lhe garanta possibilidades e formas de decidir sobre sua própria vida em plena e total autonomia" (Evangelium Vitae, 64).

Neste sentido, o homem se considera Deus e considera a eutanásia como uma forma de misericórdia, mas é uma perversão da misericórdia, ou seja, uma falsa misericórdia. Solidariedade não significa eliminar aqueles que sofrem, mas sim assumir a dor daqueles que sofrem e acompanhá-los em seu sofrimento. Esta é a verdadeira compaixão. É ainda mais doloroso quando é realizado com o apoio daqueles que devem assumir o comando e assistir o doente com amor e paciência, tais como parentes ou médicos. Não se deve esquecer que a prática da eutanásia leva, de acordo com as circunstâncias, à malícia do suicídio ou do homicídio. Pois "participar da intenção suicida de outro e ajudá-lo a realizá-la por meio do chamado "suicídio assistido" significa tornar-se um colaborador, e às vezes o primeiro autor, de uma injustiça que nunca pode ser justificada, nem mesmo quando é solicitada" (Evangelium Vitae, 65).

As razões pelas quais a vida humana hoje não é considerada em seu valor profundo e intrínseco podem ser encontradas na carta "Samaritanus Bonus" da Congregação para a Doutrina da Fé (2020), que afirma que hoje o conceito de "morte com dignidade" é mal compreendido em vez de pensar em "qualidade de vida". Isto inclui uma visão utilitária da pessoa, que se preocupa apenas com o prazer e a beleza da vida física e material. "A vida só é considerada digna se tiver um nível aceitável de qualidade, de acordo com o julgamento do próprio sujeito ou de terceiros, em termos da presença-ausência de certas funções psicológicas ou físicas, ou muitas vezes também identificada com a mera presença de desconforto psicológico" (Cfr. Samaritanus Bonus). E quando a qualidade de vida, baseada neste parâmetro, parece ser pobre, não é digna de ser prolongada e a vida perde seu valor em si mesma.

Uma segunda causa é não compreender em que consiste a verdadeira e autêntica "compaixão". Entende-se que para não sofrer é melhor morrer, quando na verdade a verdadeira compaixão consiste em cuidar, apoiar, atender e dar os meios para aliviar o sofrimento. Em terceiro lugar, encontramos o crescente individualismo, o que me faz pensar que os outros são um limite ou uma ameaça à minha própria liberdade. Onde todos querem se salvar, sem reconhecer que são dependentes de Deus e dos outros. E

entende-se, então, que eu salvo o outro, libertando sua alma dos impedimentos e dores físicas causadas por doenças.

Para aqueles de nós que têm fé em Cristo, devemos ter em mente que a fé nos ilumina na doença, na dor e na velhice, pois "Jesus, morrendo na cruz, deu ao sofrimento humano um valor e um significado transcendente. Diante do sofrimento e da doença, os crentes são convidados a não perder sua serenidade, porque nada, nem mesmo a morte, pode nos separar do amor de Cristo" (Bento XVI, 2006). É por isso que o Papa João Paulo II nos disse que "não nos é permitido permanecer em silêncio diante de outras formas mais enganosas, mas não menos sérias ou reais de eutanásia" (*Evangelium Vitae*, 15). Com Cristo podemos superar todas as dificuldades, pois não devemos esquecer que Cristo não nos salvou da Cruz, mas nos salvou na Cruz, e nos disse que quem quiser segui-lo, deve tomar sua cruz e segui-lo. Somente passando pela cruz é que podemos ser ressuscitados. Ele transforma a existência de todos que acreditam n'Ele e dá sentido à doença e à morte (Cfr. Bento XVI, 2007). Diante de tudo isso, não devemos esquecer que "a vida tem a mesma dignidade e o mesmo valor para cada um e para todos: o respeito pela vida dos outros é o mesmo que se deve à própria existência" (*Samaritanus Bonus*).